

16 NOV 2023, 21H

Teatro Municipal Sá de Miranda, Viana do Castelo

# NAQUELE DIA, NÃO PASSOU NA TELEVISÃO

## Uma criação do Teatro do Vestido

### um herói que não queria sê-lo

#### 0. inscrição

Havia murais com a cara dele em cada esquina da cidade de Lisboa. Era um tempo em que a memória se inscrevia assim: em enormes murais nas paredes meio abandonadas da cidade, em muros grandes que ocupavam avenidas.

Lembro-me de ler: Ribeiro Santos Assassinado pela PIDE.

Lembro-me de crescer com esta ideia: a PIDE matava.

O passado era um país estrangeiro, mas a nebulosa do Estado Novo estava muito presente ainda, na austeridade dos costumes, no medo de falar alto, nas capas dos livros forradas a papel pardo para não se denunciar o que se lia. E, no entanto, era um país pós-revolucionário, este, e lembro-me de se discutir política muito alto em minha casa, com muito fumo e muita discussão.

Eram os anos 80 e, em breve, tudo mudaria: a memória mesmo, e a forma de a convocar. Mais tarde, chamaríamos a tudo isso **políticas da memória**, e sublinharíamos num livro de José Gil: “Portugal é o país da não-inscrição.”<sup>1</sup>

E, no entanto, a memória é teimosa. Persiste. Lembro-me do disco com a cara do Ribeiro Santos. Não creio que o tenha ouvido antes de ser adulta.

Mas aquela ilustração a vermelho e amarelo, nunca a esqueci.

1. José Gil (2007), *Portugal Hoje, o Medo de Existir*, Lisboa, Relógio d'Água.

#### 1. escavar memórias, escutá-las, esgravatar.

José António Leitão Ribeiro Santos tinha 26 anos e era estudante de Direito na Universidade de Lisboa. Era um pouco mais velho do que os outros, teria talvez reprovado alguns anos devido ao seu activismo político, à recruta e a outros factores que não sabemos precisar. A memória e registo das suas acções políticas está presente desde a segunda metade dos anos 60, nomeadamente nos seus registos na PIDE-DGS, hoje depositados no Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Sabemos que as cheias de 1967 foram um momento marcante para ele.

Sabemos que era um antifascista e que lutava contra a guerra colonial.

Sabemos que gritava, “Guerra do Povo à Guerra Colonial!”, entre outras frases importantes. Sabemos também hoje dos vários diminutivos com que os seus amigos, colegas e camaradas o tratavam, ouvimos as anedotas, os episódios, os relatos e as descrições físicas, e até como costumava vestir-se.

Há muitas outras coisas, contudo, que continuamos sem saber

porque não estávamos lá.

#### 2. perceber

A 12 de Outubro de 1972 é realizado um “meeting” (uma reunião de estudantes) no ISCEF<sup>2</sup>. A convocatória dizia que era um “Meeting contra a repressão.” A universidade estava a ferro e fogo, com greves, manifestações, e uma resistência generalizada a uma repressão cada vez maior sobre os estudantes. À distância de 50 anos, consegue-se perceber que o regime se desintegrava, refém de uma guerra colonial perdida, que estes jovens não queriam travar. Passadas as ilusões de uma “Primavera Marcelista,” a repressão intensifica-se, de facto, neste período que seria o final da ditadura portuguesa de 48 anos, e os estudantes, em particular, são dos maiores alvos dessa repressão. Não nos podemos também esquecer do contexto internacional de lutas estudantis, nomeadamente o Maio de 68 em França, de marchas pelos direitos civis nos EUA, e da forte contestação à Guerra do Vietnam.

2. Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras – hoje, ISEG.

Era “mais um meeting,” relatam hoje alguns dos que estavam lá naquele dia. No entanto, ficou marcado pela trágica morte deste jovem. A história está sobejamente documentada: um “bufo”<sup>3</sup> é apanhado a tirar notas pelos estudantes; é chamada a PIDE para o reconhecer.<sup>4</sup> Chegam dois PIDES (armados, claro) e entram num anfiteatro cheio de estudantes zangados com o regime [mas desarmados], zangados com os “gorilas,”<sup>5</sup> com a repressão, com a guerra...

O agente da PIDE Gomes Rocha<sup>6</sup> dispara e atinge José António Ribeiro Santos na zona lombar. De seguida, continua a disparar, até que é agarrado por José Lamego, que é atingido na perna. Lamego conta como o PIDE ainda lhe apontou ao peito, para o matar – mas não tinha mais balas.

Este pormenor é importante para reforçar que se tratou de um assassinato, que poderia ter redundado em vários, não fosse a intervenção de José Lamego.

Ribeiro Santos morre à chegada ao Hospital Santa Maria, neste dia chuvoso de 12 de Outubro de 1972. Foi um choque tremendo para os seus amigos, familiares, a comunidade académica, e, de facto, para o país,

“Mataram um estudante!”

#### 3. comunicar

Nessa noite, no Instituto Superior Técnico é impresso pelos estudantes o panfleto “À População”, a dar conta do assassinato. São impressos e distribuídos outros panfletos nos dias seguintes.

3. Nome informal [e depreciativo] que descrevia os informadores da PIDE, uma vasta rede de vigilância implantada na sociedade portuguesa durante o regime.

4. Este procedimento não seria normal, e essa é uma das questões que rodeia este acontecimento: o absurdo de chamar a PIDE naquela situação.

5. Nome informal [e depreciativo] que apelidava um conjunto de funcionários colocados pelo regime nas faculdades, para vigiar e reprimir os estudantes. Como o nome indica, a sua força física era considerável e usavam-na para intimidar e punir os estudantes.

6. É importante referir nomes, numa história muitas vezes feita de instituições e de anónimos agentes (“da PIDE”) que vigiavam, interrogavam, torturavam, matavam.

Os amigos, colegas e camaradas de Ribeiro Santos correm de um lado para o outro a avisar:

“O Jé morreu.”

“Mataram o Ribeirinho.”

“Mataram o nosso pequenito.”

“O Zé Tó Morreu.”

[Sobre se a notícia é ou não transmitida na televisão... este espectáculo fala sobre isso e por isso não vou relatar aqui.]

#### 4. o funeral

Era sábado e o regime não previa aquilo.

A esta distância também, podemos ver como o desnorte do regime se expressava nesta cegueira de não antecipar as coisas, de não perceber o sentir das pessoas.

Como uma bomba-relógio prestes a explodir. Mas as pessoas não deixaram de o expressar.

Há relatos de milhares que se juntaram na Calçada de Santos e no Largo, hoje Calçada Ribeiro Santos, velando o corpo do estudante assassinado, prontos para tudo, para a repressão que sabiam que iria acontecer. A polícia estava lá, polícia de choque, há fotografias.

Um decreto proibía o transporte dos caixões a pé, pela rua, ou quaisquer manifestações.

Os estudantes que carregavam o caixão desviaram-se, não queriam entrar no carro funerário, a ideia era levar o corpo a pé, em romagem, até ao cemitério da Ajuda.

O que acontece nesse momento está também documentado.

E muitos e muitas se lembram, porque estavam lá.

#### 5. que memória é esta que não passa?

A memória do assassinato de José António Ribeiro Santos é uma memória viva para aqueles que a viveram, embora tenha arrefecido no tempo, junto com o esbatimento das memórias da repressão do Estado Novo, e da revolução.

Neste espectáculo, que reúne em cena e nos bastidores pessoas de diferentes gerações, interessava-nos reflectir também sobre isso: sobre os apagamentos da memória (aqui até de forma literal, com o apagamento dos murais que inscreviam nas paredes alguma da história política do país, e onde era frequente encontrar a cara de Ribeiro Santos, acompanhado das palavras: “assassinado pela PIDE”, “herói”, “o povo jamais te esquecerá”).

Lemos, por isso, (quase todos) os livros onde o acontecimento é mencionado, estudámos o site [www.ribeirosantos.net](http://www.ribeirosantos.net) (enorme contributo para a inscrição desta história marcante), vimos documentários sobre as lutas estudantis – e o recente documentário de Diana Andringa, *12 de Outubro de 1972 – o dia em que perdemos o medo*, transmitido pela RTP a 12 de Outubro de 2022, onde encontramos uma forma singular de contar esta história.

Já desde o espectáculo *Um Museu Vivo de Memórias Pequenas e Esquecidas* (2014), que fazíamos uma evocação a Ribeiro Santos, num capítulo que lhe era dedicado. Foi numa dessas récitas que encontramos Aurora Rodrigues pela primeira vez, amiga de Ribeiro Santos, e que contou, desde a plateia, esta história na 1ª pessoa, no final do espectáculo – um momento verdadeiramente emocionante, que nos marcou.

Tratava-se, agora, da nossa parte, de encontrar a nossa forma de contar a história e o nosso processo de a escavar.

## 6. naquele dia

A criação teatral não tem ao seu dispor os mesmos meios que um documentário filmado – são linguagens e técnicas distintas, e é bom que assim seja. Munidos da poesia – essa “arma carregada de futuro,” como cantava Paco Ibáñez – munidos do nosso olhar de pós-memória, do nosso engajamento também, do nosso olhar não-neutro, não-imparcial (o único em que acreditamos e assumimos), construímos esta nossa homenagem-reconstituição-viagem em torno da morte de Ribeiro Santos. Desde o início que “tive a imagem” das televisões – que o cenário da Carla Martínez tão bem soube conceber. Isso de “ter uma imagem” não se explica, a criação teatral advém desses signos e símbolos que nos surgem no meio do pensamento, das leituras e da pesquisa, e que são como portas ou começos para a criação.

Queríamos encontrar o nosso ponto de vista, a nossa forma de contar esta história – que não substitui os testemunhos reais, os documentários, a documentação. Antes se junta a eles, num mesmo esforço.

O resultado é este espectáculo, que dedicamos à memória de José António Ribeiro Santos, com admiração, profundo respeito, e muita emoção.

Dedicamo-lo também a todas e a todos os que resistiram e combateram o fascismo. Porque, pessoas de memória que somos, sabemos que a elas e a eles tudo devemos.

Ribeiro Santos, o povo jamais te esquecerá.

19 de Outubro de 2022,  
Joana Craveiro  
Teatro do Vestido  
(escrito na antiga ortografia)

Este espectáculo foi criado a convite dos organizadores da conferência internacional “Resistência juvenil, ditaduras e políticas de memória - O assassinato de Ribeiro Santos em 12 de Outubro de 1972”.

Gostaríamos de agradecer em especial à Aurora Rodrigues e à Paula Godinho pela amizade e pela confiança de nos desafiarem a construir este trabalho. E ao Museu do Aljube, por nos dar uma casa para esta estreia, a que se juntará a Quinta Alegre - Lugar de Cultura, o Teatro das Figuras (também co-produtor), o Teatro Municipal Sá de Miranda (Viana do Castelo), o Teatro Municipal de Ourém e o Município da Vidigueira.

Gostaríamos ainda de agradecer os testemunhos que pudemos ouvir e registar na primeira pessoa de: António Rosa, Aurora Rodrigues, José Galamba de Oliveira e José Lagomeo. Bem como os de Teresa Serra, Manuel António Pita e de Júlio Pêgo.

Agradecemos ao Alfredo Caldeira e à Diana Andringa por nos terem facultado um importante arquivo para a construção do espectáculo – da Direcção Geral de Segurança/Reconstituição – e pelas conversas em torno deste tema.

E ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo pelo acesso a um conjunto de imagens do dia do funeral, que só recentemente foram descobertas, da autoria de Zacarias Duarte Ferreira.

Agradecemos ainda à Mariana Carneiro e ao Fernando Mariano Cardeira pelo arquivo de fotografias das lutas estudantis de 68/69.

As t-shirts da equipa foram pintadas manualmente por António Alves, a quem agradecemos.

Agradecemos ainda a António Costa, Armando Pereira, Carlos Carvalho, Carlos Ramos, Elizabeth Pereira, Fernando Nunes da Silva, Francisco Pureza, Isabel do Carmo, João Cachulo, João Paulo Serafim, João Pedro Leitão, José Cunha, Laurinda Antunes, Leocádia Silva, Maria Alice Samara, Maria Ghira, Maria Gil, Maria Teresa Craveiro, Pedro Alves, Raimundo Santos, Rita Rato, Sérgio Milhano, Sérgio Nascimento, Teresa Costa Reis. E ainda à Escola de Mulheres e ao O Rumo do Fumo.

Para a construção deste espectáculo foram consultadas e estudadas as seguintes obras:

Aurora Rodrigues (2011) *Gente Comum, uma história na PIDE*, Loulé, 100Luz.

Diego Palacios Cerezales (2011), *Portugal à Coronhada – Protesto Popular e Ordem Pública nos séculos XIX e XX*, Lisboa, Tinta-da-China.

Ivo Pêgo (2012), *Ribeiro Santos – Homenagem da Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa* – editado pela Associação Académica da Faculdade de Direito de Lisboa.

Miguel Cardina (2011) *Margem de Certa Maneira – o maoísmo em Portugal: 1964-1974*. Lisboa, Tinta-da-China.

Gabriela Lourenço, Jorge Costa e Paulo Pena (2001) *Grandes Planos – oposição estudantil à ditadura – 1956-1974*, Lisboa, Âncora Editora.

Irene Flunser Pimentel, João Madeira, Luís Farinha (2011) *Vítimas de Salazar – Estado Novo e Violência Política*, Lisboa, Esfera dos Livros.

E foram visionados os seguintes filmes:

Diana Andringa (2022), *12 de Outubro de 1972 – o dia em que perdemos o medo*, RTP e Wonder Maria.

Jacinto Godinho (2022), *Sampaio, Salazar e Caetano – o Confronto de 1962*. RTP, 2 episódios.

Fernanda Pedro (2017) *Movimento Estudantil 1914-2014*. RTP, 1 episódio.

Foi também estudado o site [www.ribeirosantos.net](http://www.ribeirosantos.net).

E o artigo de Diana Andringa (2021), “A Minha Lisboa dentro (presa) há exatos 50 anos”, <https://amensagem.pt/2021/03/28/a-minha-lisboa-presa-pide-50-anos-diana-andringa/>

No espectáculo são também usadas imagens do arquivo do Diário de Notícias, bem como panfletos reproduzidos a partir do site [www.ribeirosantos.net](http://www.ribeirosantos.net) e do arquivo pessoal de Joana Craveiro e do Teatro do Vestido.

Quaisquer erros ou omissões, são da nossa inteira responsabilidade.

**Este espectáculo, contudo, não é uma obra historiográfica**, embora possa contribuir para a historiografia destes acontecimentos.

Investigação, Texto, Direcção

Joana Craveiro

Co-criação e Interpretação

Estêvão Antunes, Francisco Madureira,

Inês Rosado, Tânia Guerreiro, Tozé Cunha

Espaço Sonoro

Francisco Madureira

Cenografia

Carla Martínez

Figurinos

Tânia Guerreiro

Vídeo (co-criação, montagem e operação)

José Torrado

Iluminação

Joana Craveiro, com a colaboração de

João Cachulo

Apoio Técnico

João Cachulo, Sérgio Milhano

Direcção de Produção

Alaíde Costa

Assistência de Produção

Rita Conde

Apoio

FX RoadLights

Co-produção

Museu do Aljube, Resistência e Liberdade,

Teatro das Figuras e Teatro do Vestido

O Teatro do Vestido tem o apoio financeiro bienal da República Portuguesa – Cultura | DGARTES